

As Delinquências do Imperador: os percursos urbanos do jogador Adriano em tempos de “pacificação” do Rio de Janeiro¹

¹ Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Kleber Mendonça

RESUMO

A partir de textos publicados pelos jornais O Globo e Extra sobre o jogador de futebol Adriano, o presente artigo se dedica a mapear a relação entre discursos jornalísticos sobre a cidade, a percepção da violência nesses espaços e as possibilidades de emergência de outros percursos neste cenário. Trata-se de uma proposta de olhar analítico que permita pensar o papel dos discursos midiáticos nas várias formas como os sujeitos constroem suas apreensões simbólicas acerca da cidade. Para tanto, recorreremos, entre outras, às perspectivas teóricas de Judy (2005), Sarlo (2009) e Certeau (1990) - acerca das relações entre discurso e espacialidade - e evidenciamos de que forma a confusa e polêmica trajetória do jogador de futebol Adriano em aglomerados de exclusão (HAES-BAERT, 2004) do Rio de Janeiro revela, também, o papel simbólico que a instância jornalística desempenha neste momento.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Violência urbana. Jornalismo impresso. Comunicação e discurso. Pacificação.

1 Introdução

Não é novidade a constatação de que áreas pobres das grandes cidades recebem pouca atenção dos noticiários. Um silêncio enfático, quebrado apenas pelos relatos acerca da violência urbana ou nos momentos de manifestação da cultura popular (como o carnaval). No caso específico do Rio de Janeiro, entretanto, a tradição começa a ser quebrada. A partir de 2009, devido às ações de intervenção do poder público – “expulsão” de traficantes, instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) –, é cada vez mais cotidiana a presença dessas regiões no noticiário.

Assim, as comunidades do Rio de Janeiro parecem se tornar objeto de relatos mais variados e, muitas vezes, contraditórios. Diante deste cenário, este artigo busca dimensionar uma das múltiplas apropriações discursivas propostas pelos textos jornalísticos em relação a tais localidades de modo a pensar como as páginas podem propor distintas “espacialidades” para uma mesma região.

Com isso, podemos entender de que forma as cidades, como os discursos, estão longe de possuírem algo como uma **essência concreta** ou um **sentido único**. Como produtos de um processo complexo de apropriações simbólicas, espaços e discursos são, por natureza, polissêmicos e terão suas interpretações hegemônicas modificadas, gradualmente, em função das historicidades envolvidas no jogo de relações de poder que compõem a sociedade.

Este trabalho apresenta algumas perspectivas teóricas e empíricas que norteiam, neste momento, uma pesquisa mais ampla que busca mapear a relação entre discursos jornalísticos sobre as cidades e a percepção da violência nestes espaços por seus habitantes. Trata-se, aqui, de uma cartografia que relaciona os discursos midiáticos sobre regiões e lugares específicos às múltiplas formas como os processos de subjetivação constroem, para os sujeitos, suas relações e leituras da cidade.

Tomou-se, aqui, como fio condutor empírico, um conjunto de reportagens publicadas pelos jornais cariocas *O Globo* e *Extra*, no período de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, que abordam a confusa e polêmica trajetória do jogador Adriano, então do Flamengo, por um dos maiores aglomerados de exclusão existentes no Rio de Janeiro. O que serviu como recorte analítico foi a capacidade de inferência, naquelas páginas, da proposta de diferentes **sentidos de espacialidade**.

Ressalta-se, no entanto, que não foi objetivo metodológico qualquer análise comparativa entre os discursos dos dois veículos. Isso porque o trabalho parte do ponto de vista de que ambos serão tomados como referenciais semelhantes, mesmo que, em alguns momentos, as modulações discursivas sejam distintas.

Tais tonalizações se devem às nuances de público alvo de cada veículo, que, mesmo assim, não impedem construções bastante parecidas das comunidades mencionadas em seus textos. Por serem do mesmo conglomerado, inclusive, não é rara a presença de notícias de um veículo reproduzidas integralmente no outro.

2 Entre os discursos sobre a cidade e a cidade como discurso

*Ceguei ao nome da cidade
não à cidade mesma, espessa
Rio que não é rio: imagens
essa cidade me atravessa
(Caetano Veloso)*

Propomos aqui que é possível identificarmos diferentes **visões** sobre os **espaços da cidade**, sugeridas pelo **espaço discursivo** da “verdade” jornalística. Assim, as análises aqui reunidas permitem ilustrar o fato de que diferentes lugares são retratados discursivamente de formas também distintas. E tais alterações acabam por propor aos sujeitos apropriações discursivas específicas de acordo com cada região mencionada nos textos jornalísticos.

As leituras da cidade não correspondem a uma simples atualização, nos indivíduos, dos aspectos concretos de cada localidade. Cada discurso pode (e muitas das vezes quer) propor reconfigurações do espaço urbano. No recorte temporal da análise aqui efetuada, o Rio de Janeiro vivia um período de intervenção pública em vários sítios específicos. Em paralelo às ações do poder público, os relatos jornalísticos acabam por referendar (ou recusar) tais intervenções.

É comum, como conseqüência da relação dialógica entre os relatos e as ações de urbanização, a emergência de prescrições acerca do valor dos múltiplos lugares da cidade e dos modos de apropriação destes pelos habitantes. Propostas em relação à circulação (onde ir ou que lugares evitar); vigilância (quais as áreas perigosas) e reurbanização (que lugares extirpar e quais preservar) são exemplos de desdobramentos do encontro entre os espaços discursivos da verdade (jornalismo) e os modos a partir dos quais os sujeitos irão negociar tais visões sobre a cidade.

A esse respeito, Certeau (1990), em sua “fala dos passos perdidos”, defende que andar pela cidade é produzir um relato ativo diante dos ordenamentos que buscam provocar no andarilho algumas respostas (e ações) pré-determinadas. Como em qualquer relação discursiva, no entanto, cada texto (como cada cidade) permite ainda múltiplas outras leituras (e trajetórias). Assim, percebemos uma complementaridade entre as ações governamentais de intervenção nas comunidades e os modos como tais locais são representados discursivamente pelos jornais. O objetivo desta parceria é o de reduzir as possibilidades de **discursos outros** em

relação à proposta de cidade em vigor nos dias de hoje.

A analogia entre as dicotomias espaço/lugar e fala/língua é central na obra de Certeau e permite ilustrar a potência rebelde de um aspecto fundamental na junção destes pares: o papel dos relatos. Para ele, são os relatos que, incessantemente, desempenham o trabalho que “[...] transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.” (CERTEAU, 1990, p. 203).

O autor recorre à comparação com a linguagem para mostrar que a operação exercida pelo espaço sobre o lugar se assemelha ao trabalho da fala em relação à língua. É justamente neste trabalho simbólico que o discurso jornalístico colabora ao apresentar suas **visões** sobre a cidade, bem como suas tentativas de legitimar as intervenções públicas. Jeudy (2005) prefere o conceito de **visão** ao de **representação** para se referir aos modos como as imagens da cidade são apropriadas pelos diferentes discursos de escritores, filósofos e artistas. Para ele, “a cidade como potência de imagens destaca-se do destino de sua representação. Ela não desequilibra apenas os hábitos de representação, mas provoca a todo momento, em todo lugar, visões que ainda não são representações.” (JEUDY, 2005, p. 92) .

No caso do discurso jornalístico, entretanto, no lugar de perturbarem a estabilidade das representações usuais, as visões veiculadas - por se converterem em lugar autorizado da produção e circulação da “verdade” – acabam colaborando para a sedimentação de algumas representações “oficiais” da cidade.

É preciso termos em mente, todavia, que os relatos sobre a cidade não podem ser confundidas com a **cidade** em sua concretude física (SARLO, 2009). Temos, portanto, dois espaços distintos que se entrecruzam e, às vezes, colidem: a cidade “concreta” (que não deve ser confundida com algo como uma “verdade essencial da cidade”) e as múltiplas cidades escritas. Serão os **desvios** entre tais ordens semiológicas distintas que irão indicar “[...] o modo como se pensa a cidade a partir de uma experiência ou de um ideal de cidade.” (SARLO, 2009, p. 147).

Dessa maneira, a tensão entre as múltiplas **visões** da cidade - propostas por seus habitantes em seus relatos e trajetórias – e as **representações** discursivas nos textos jornalísticos oferece material de análise para avaliarmos as perspectivas a partir das quais os vários atores (e poderes) pensam (e praticam) o Rio de Janeiro. Se Sarlo (2009, p. 97) está correta em defender que “[...] não há cidade sem discurso sobre a cidade [já que] a cidade existe nos discursos tanto como em seus espaços materiais [...]”, é preciso mapearmos os modos de diálogo estabelecidos entre os conteúdos jornalísticos sobre a cidade e as respostas ativas (concretas?) de seus habitantes aos percursos propostos.

3 Os Aglomerados de exclusão como acontecimentos discursivos

*Rio de ladeiras
civilização encruzilhada
cada ribanceira é uma nação.
À sua maneira com ladrão
lavadeiras, honra traição
fronteiras, munição pesada
(Chico Buarque)*

Haesbaert oferece uma interpretação geográfica das favelas no conceito de **aglomerados humanos de exclusão** como ferramenta teórica que complexifique os gestos de controle da circulação dos corpos no espaço. Seu objetivo é o de recusar uma ‘visão etnocêntrica primeiro-mundista’ da questão da mobilidade global, vinculando o fenômeno da desterritorialização ‘imposta’ ao processo de exclusão capitalista. Assim, embora nunca ‘total’, porque sempre referente a processos de (re)territorialização, o conceito desterritorialização “[...] deve ser aplicado a fenômenos de efetiva instabilidade ou fragilização territorial, principalmente entre grupos socialmente mais excluídos e/ou profundamente segregados.” (HAESBAERT, 2004, p. 312).

É preciso, no entanto, ter cuidado com a noção de **exclusão** para não reafirmarmos a potencial vitimização dos sujeitos, considerando-os “passivos” nos processos históricos, não percebendo, assim, “[...] sua participação transformativa no próprio interior da sociedade que exclui o que representa a sua concreta integração.” (MARTINS apud HAESBAERT, 2004, p. 317).

Em outras palavras, deve-se entender o processo de marginalização espacial nas grandes cidades como um fenômeno de mobilidade que alimenta e produz uma “inclusão precária” efetivada constantemente (e não sem revides) pelo jogo das relações de poder. Martins, a esse respeito, aponta como o capitalismo globalizado abandonou uma multidão de deserdados sem destino, um aglomerado composto por diferentes sujeitos que são “[...] indevidamente chamados de excluídos porque incluídos foram nas funções residuais e subalternas da cloaca de um sistema econômico que não parece ter como funcionar e sobreviver sem iniquidades e injustiças.” (MARTINS, 1997, p. 16).

Do ponto de vista dos aspectos propriamente geográficos destes lugares, Haesbaert defende que não chegam a ser ‘espaços à parte’, mas “[...] fruto de uma condição social extremamente precarizada, onde a construção de territórios ‘sob controle’ ou ‘autônomos’ se torna muito difícil, ou completamente subordinada a interesses alheios à população que ali se reproduz.” (HAESBAERT, 2004, p. 327).

Essa precariedade, inclusive, será percebida pelos meios de comunicação e pelo Estado e acabará colaborando para as estratégias discursivas e de controle do território das comunidades.

De um lado porque sua superação será um argumento da retórica jornalística legitimadora das intervenções, ou, ainda, em razão dos moradores de tais aglomerados não se sentirem, em alguns momentos, “legítimos” proprietários, fragilizando, assim, as possibilidades de diálogo em pé de igualdade com o poder público.

Se tomarmos como exemplo empírico os recentes casos de remoção nas favelas cariocas, “justificados” pelo argumento da preservação ambiental e da redução de áreas de risco, veremos como a combinação entre os discursos jornalísticos sobre a cidade e as intervenções urbanísticas acabam por tentar impedir as possibilidades de relatos (e trajetos) outros pelos habitantes desses **espaços de inclusão precária**. À insegurança socioespacial, aliada à fragilidade dos laços, o Estado oferece a promessa de uma comunidade sem traficantes (ainda que sustentada pela **utopia** de uma cidade sem drogas). À mobilidade dispersa e à falta de controle do território, as obras de infraestrutura concretizam a esperança do sonho da casa própria (mesmo que para isso, tenha de haver a desapropriação ou a remoção de várias localidades).

Não é à toa que começarão a surgir, nas páginas dos jornais, tantas reportagens ora enaltecendo a “pacificação” das favelas (minimizando, é claro, os possíveis assassinatos de “traficantes”), ora comemorando a inclusão de algumas comunidades no mapa turístico do Rio de Janeiro e, outras tantas vezes, exigindo a remoção das “áreas de risco” ocupadas “ilegalmente”.

Adotar como ponto de análise o momento em que os sentidos da favela são deslocados em múltiplas espacialidades nos permite aproximar a noção de polissemia dos discursos (PÊCHEUX, 1997) ao esforço foucaultiano para determinar a natureza criativa dos **espaços outros**, capazes de neutralizar ou inverter as relações neles estabelecidas.

São algo como contra-lugares, espécie de utopias realizadas nas quais todos ou outros lugares reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Esse tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade (FOUCAULT, 2006, p. 756).

De certa forma, podemos pensar que as favelas (neste momento de embaralhamento de relatos e sentidos) como espaços de contestação, não só da normalidade das ocupações urbanas, como da legitimidade do ‘projeto espacializante’ capitalista, promovendo diversas formas de ruptura da ordem histórica. Esta “violência simbólica” será, justamente, o alvo das intervenções de Estado (e dos discursos jornalísticos).

As heterotopias são capazes, ainda, de “[...] sobrepor, num só espaço real, vários espaços, vários lugares que por si só seriam incompatíveis.” (FOUCAULT, 2006, p. 756). O autor exemplifica com o espaço do palco do teatro, os jardins orientais e os

tapetes persas. Poderíamos incluir, na lista de exemplos, o embate entre os relatos atuais sobre as comunidades do Rio de Janeiro e a proliferação de imagens (e visões) conflitantes que tal caleidoscópio pode provocar nos moradores. Nessa medida, há mais uma aproximação entre texto e cidade: a polissemia ampliada em momentos de ruptura (violenta) dos sentidos outrora cristalizados.

A ameaça à nova ordem urbana, materializada no espaço de inclusão precária que é a favela, dialoga com as **heterotopias de desvio**: “[...] aquelas nas quais os indivíduos, cujos comportamentos são desviantes em relação às normas, são colocados.” (FOUCAULT, 2006, p. 757).

Talvez resida nesta vizinhança a possibilidade de emergência do deslocamento discursivo habitual que afasta a favela do campo semântico do **problema social** para o território simbólico da violência e das classes perigosas. É justamente essa opção interpretativa que pairará, como pressuposto, nos enfoques jornalísticos adotados nas reportagens abaixo, que servem como ilustração precisa dos aspectos debatidos.

4 O Imperador da Chatuba: Adriano e seus percursos delinquentes

*À sua maneira de calção
com bandeiras sem explicação
carreiras de paixão danada.
(Chico Buarque)*

Ao acompanharmos os últimos seis meses da cobertura jornalística sobre a presença do jogador Adriano, do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro – de dezembro de 2009 a junho de 2010 - podemos perceber uma mudança gradativa na forma como sua região natal é retratada nas páginas do *Globo* e do *Extra*. Sobre tudo na medida em que as ações do jogador (e as reportagens que as relatam) vão ficando mais polêmicas.

Na reportagem que desdobrava a comemoração do título brasileiro de 2009 pelo clube carioca, publicada no *Extra* no dia 8 de dezembro de 2009, vemos que a relação do jogador com a Vila Cruzeiro – comunidade localizada na região da Penha, subúrbio da Leopoldina – ilustrava alguns aspectos positivos de sua personalidade.

Livre após dias de clausura em Teresópolis, Adriano trocou o passeio completo, traje obrigatório nas festas para premiar os melhores do Brasileiro, pela bermuda e o chinelo. Aguardado ontem pela manhã em São Paulo para receber a Bola de Ouro, oferecida pela “Revista Placar”, o atacante não foi, preferindo o convívio dos amigos na Vila Cruzeiro, favela onde nasceu. (COSTA E SILVA, 2009).

Em que pese a rebeldia da recusa em participar da entrega do prêmio, o gesto de optar pela comemoração entre amigos em trajas informais é elemento indicador da humildade do atacante, que não troca a “favela onde nasceu” pela pompa das cerimônias oficiais. A lua de mel com a comunidade, no entanto, vai durar pouco. Três meses após o título nacional, a famosa falta de disposição do jogador para treinar ganha ares mais policialescos, no momento em que a favela presencia uma briga entre Adriano e sua noiva. A reportagem de *O Globo* de 5 de março de 2010 explica o motivo das ausências nos treinos.

Por trás da liberação de Adriano, está uma grande confusão ocorrida na noite da última quinta-feira e que envolveu outros jogadores. Às quintas-feiras, boa parte do elenco rubro-negro se reúne para um jantar, usualmente na Barra da Tijuca. No último, após o encontro, Adriano e um grupo de aproximadamente dez jogadores foram a um baile funk na Chatuba, favela do Complexo do Alemão, perto da Vila Cruzeiro. Irritada com o fato [...], a noiva de Adriano, Joana Machado, foi ao local. Irada, quebrou o carro dos atacantes [...] Em seguida, ela partiu para cima de Adriano e começou a socar o jogador. Testemunhas dizem que ele a empurrou, o que amigos dele negam. Diante do tumulto no baile, até traficantes se envolveram e pediram que Joana se retirasse. (MANSUR, 2010)

No momento em que o percurso traçado pelos jogadores (zona oeste-subúrbio) termina em denúncia de agressão, a diferença entre as regiões da cidade demarca a oposição entre ações autorizadas e deslizes dos jogadores. Quando o jantar na Barra da Tijuca se prolonga em baile funk na Chatuba os envolvidos transgridem, também simbolicamente, os limites das espacialidades autorizadas às pessoas bem-sucedidas.

A edição do mesmo dia do *Extra* recorre aos boatos e às fontes anônimas para oferecer ainda mais detalhes da confusão. Neste veículo, no entanto, a tonalidade da cobertura é mais emocionante:

Socos, pontapés, festa regada à funk na favela, bebedeira e quebra-quebra. Estes foram os ingredientes que vão desfalar o Flamengo de seu principal jogador, o atacante Adriano [...]. Entre os muros da Gávea fala-se abertamente dos motivos do afastamento do Imperador. [...] Adriano, então, interveio e foi agredido a socos por Joana Machado. O jogador revidou as agressões da noiva, sob olhares dos chefes do tráfico local, e pediu aos traficantes para que a expulsassem da favela. Caso ela se recusasse, Adriano deu ordem para que ela fosse amarrada a uma árvore até o amanhecer. (BARBOSA, 2010)

Enquanto na reportagem do *O Globo* há apenas uma tímida menção à agressão e à presença de bandidos no tumulto, o jornal *Extra* explicita, em primeira mão, algo que na semana seguinte seria presença constante mesmo nos jornais mais sóbrios: a amizade de Adriano com traficantes locais. A denúncia, desta vez, é a de que o jogador teria comprado uma motocicleta para um amigo de infância, responsável pelas bocas de fumo da região.

A Delegacia de Combate às Drogas (Dcod) instaurou inquérito para apurar se o atacante Adriano, do Flamengo, cometeu os crimes de associação para o tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. [...] O

jogador comprou uma moto no nome de Marlene Pereira de Souza, mãe do traficante Paulo Rogério de Souza Paz, o Mica, chefe do tráfico na Chatuba, no Complexo do Alemão. (POLÍCIA..., 2010)

Trata-se apenas de uma primeira denúncia, que, na verdade, atualizava uma história anterior, na qual o atleta teria dado queixa à polícia do sumiço de uma outra moto comprada para um amigo. Os próximos três meses, no entanto, serão repletos de desdobramentos jornalísticos que reverberarão as suspeitas sobre suas “amizades ilícitas”.

Para se ter uma ideia do volume de escândalos, apenas no início do mês de junho de 2010 o jornal *O Globo* publicou matérias quase diárias que davam conta de suspeitas de que Adriano teria doado 60 mil reais ao chefe do tráfico da Vila Cruzeiro, Fabiano Atanásio da Silva (o FB); das versões de defesa do jogador, alegando que o montante fora destinado a doações de cestas básicas no natal para a comunidade; e sobre a publicização de fotografias em que posa, ao lado de um primo, segurando uma arma de brinquedo e um abajour em forma de fuzil.

Sem aprofundarmos à exaustão a listagem e a descrição das reportagens e não entrando no mérito dos julgamentos (morais e legais) em relação às ações de Adriano, podemos perceber que há mais do que a ‘condenação moral’ de atos ilícitos praticados pelo jogador. Paira, ainda, uma crítica que se baseia, implicitamente, nos deslocamentos feitos por Adriano. Ele é também ‘culpado’ por transitar. Por freqüentar regiões inapropriadas aos bem-sucedidos, mesmo quando jogadores de futebol. É preciso termos em mente que naquele momento da estada de Adriano no Rio de Janeiro ainda não havia se desenrolado a série de acontecimentos que, no final do ano, levariam à ocupação do Complexo do Alemão e da Vila Cruzeiro pelas forças policiais do Estado.

Nesse sentido, cabe percebermos de que forma os relatos jornalísticos elaboram suas interpretações partindo da constatação de uma espacialidade calcada na violência dos atores sociais que habitam os lugares freqüentados (“indevidamente”) por Adriano. À esta ação do jogador, poderíamos remeter a analogia proposta por Certeau entre as *delinquências* e os relatos de espaço:

[...] se o delinqüente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o Estado, o relato é delinqüente (CERTEAU, 1990, p. 216).

Assim, pode-se interpretar que os percursos de Adriano e seus amigos pela cidade se assemelham a contra-relatos. Daí o gesto jornalístico de, naquele momento, controlar a ‘delinquência’ desses trajetos. É por esta razão que o teatro bizarro do imperador e suas “más companhias” diz também algo sobre a cartografia da violência no Rio de Janeiro. Os escândalos que se sucedem viram

sintoma dos riscos que correm tanto aqueles que ascendem e insistem em manter seus vínculos de origem, como os “cidadãos de bem” obrigados a tangenciar, em suas trajetórias, os “espaços de crime” parecem, nos discursos jornalísticos, se incrustar na cidade.

A punição (discursiva) de Adriano servia, também, de exemplo do que pode sofrer quem se recuse a aceitar o atual processo de (re)significação das favelas como **espaços pacificados**. Sobretudo aqueles que insistem em estabelecer vínculos com os **elementos perigosos** que estão na iminência de serem varridos do mapa (e dos morros) para a emergência da nova ordem urbana.

Como seu bairro natal mantinha, naquele momento, a tarja de **espaço violento**, Adriano tornava-se, discursivamente, ainda mais “culpável” por preferir manter-se apegado ao território simbólico do crime, do qual poderia ter “escapado”, mesmo que mais pelo acaso de seu talento do que pela sua suposta índole (constantemente retratada como duvidosa pela imprensa).

Personalidade representada nas páginas dos jornais com a mesma imprecisão que seu bairro – ora nomeado como Vila Cruzeiro, Chatuba ou simplesmente Complexo do Alemão –, o atleta aparentava para os jornais a mesma ambigüidade ameaçadora das heterotopias e dos relatos delinqüentes. E é com a intenção de impedir tal transposição de fronteiras (e da ordem) que as estratégias enunciativas interpretavam, ainda mais facilmente, o comportamento de Adriano como criminoso.

Podemos articular os percursos-outros de Adriano pelo Rio de Janeiro com o conceito de **inscrição** desenvolvido pelo filósofo português José Gil. Em um interessante ensaio a respeito da dificuldade da emancipação portuguesa diante da nova ordem européia, Gil define o grande impasse estrutural de sua pátria como “o país da não inscrição”.

Com essa hipótese, o autor reflete sobre a dificuldade política contemporânea da existência de acontecimentos que fogem, por razões políticas, históricas ou sociais, à capacidade de registro criativo no mundo. Para ele, o gesto de inscrever “[...] implica ação, afirmação, decisão com as quais o indivíduo conquista autonomia e sentido para sua existência.” (GIL, 2004, p. 15). Ainda para o autor, tal gesto de emancipação criativa é ainda mais dificultado se levarmos em conta os efeitos danosos do suposto papel de **ágora** contemporânea, desempenhado pela imprensa. Para ele:

[...] o espaço público [...] não é o lugar da ‘opinião pública’ nem de manifestações coletivas, políticas ou outras. Mais mesmo do que um espaço de comunicação é um lugar de transformação anônima dos objetos individuais de expressão. [...] Sua característica primeira é a de constituir uma exterioridade, um ‘fora’ para os sujeitos (individuais ou coletivos) que nele penetram (GIL, 1994, p. 28).

Assim, relacionar a realidade contemporânea portuguesa aos múltiplos modos de apropriação do espaço urbano neste

momento em que o Estado investe seu aparato em um conjunto de intervenções nas regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro é mais do que uma simples analogia. A questão que se coloca, neste sentido, é a de como os habitantes da metrópole conseguirão estabelecer suas táticas de inscrição (e de praticar criativamente os espaços da cidade) para além (e apesar) das propostas de percurso divulgadas pelos espaços midiáticos de visibilidade informativa.

No caso de Adriano, os desdobramentos ocorridos no final de 2010 acabaram por reabilitar, discursivamente, sua trajetória pela cidade. Com as ações espetaculares de “retomada” e “pacificação” do Complexo do Alemão e da Vila Cruzeiro o jogador, já em Roma depois de sua saída do Flamengo, mas ainda antes de seu retorno definitivo ao Brasil, volta a ser protagonista de algumas reportagens que aprofundam os desdobramentos das ações militares na localidade.

5 A Volta por cima de Adriano: da inscrição delinqüente à voz autorizada

Para dimensionar melhor a virada discursiva protagonizada por Adriano, cabe lembrar os episódios que detonaram uma resposta militar ‘nunca antes vista’ na cidade do Rio de Janeiro. O estopim dos conflitos no Complexo do Alemão foi uma série de ações criminosas, em que facções de traficantes, outrora rivais, teriam se unido em protesto às sucessivas ocupações das favelas do Rio pela polícia e a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

A partir da madrugada de sábado (20/11/2010) para o domingo (21/11), diversos bairros presenciaram arrastões, queima de veículos e ataques a cabines de polícia e a delegacias. Em resposta, a PM efetuou operações em mais de vinte morros. A escalada de confrontos, no entanto, não diminuiu: mais de dez veículos são incendiados pelos bandidos e 15 ‘suspeitos’ são mortos pela polícia.

O aumento da força de repressão acontece na quinta-feira (25/11), quando o Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar (BOPE) ocupa a Vila Cruzeiro. É dessa operação uma das cenas emblemáticas do conflito: centenas de traficantes fugindo, em meio a uma chuva de balas, para a comunidade vizinha.

Nos dois dias seguintes, o cerco nas comunidades do Alemão se amplia. Com o apoio militar federal, a força tarefa prepara a “invasão”, vindo a público, via imprensa, exigir a rendição dos traficantes (seriam 200, segundo a própria polícia) até a meia-noite do sábado. Vencido o *ultimatum*, sem uma única prisão, a força tarefa inicia a ‘ocupação’ do Complexo do Alemão no domingo (28/11), a partir das oito horas da manhã, com cobertura ao

vivo pela TV. Em apenas uma hora e meia de ação, com intenso tiroteio, uma imagem ‘espetacular’ como a cobertura jornalística serviria de emblema para o ‘sucesso’ da operação: um helicóptero leva ao ponto mais alto da comunidade (um teleférico ainda em construção) as bandeiras do Brasil e do Estado do Rio.

É no desdobramento das ações que, menos de um mês após a “tomada” da região, Adriano volta à sua comunidade, em companhia da mãe, para inaugurar um projeto social que atenderá mais de dois mil moradores. O tom da reportagem do *O Globo* do dia 22 de dezembro de 2010, que cobre a visita do jogador, nem de longe lembra os últimos seis meses:

O atacante do Roma, jogador Adriano, lançou, nesta terça-feira, o projeto social Imperadores da Vila, na Vila Cruzeiro, na Zona Norte do Rio. O jogador foi ao local ao lado de sua mãe, dona Rosilda. O projeto pretende assistir dois mil moradores da comunidade, começando pelas crianças matriculadas nas escolas da Vila Cruzeiro e vizinhança [...]. - É uma emoção muito grande estar na comunidade. [...] Eu sempre ajudei, mas não divulgava, mas decidi falar porque se cada um fizer a sua parte, as coisas podem melhorar - afirmou Adriano, que há três anos distribui 300 cestas básicas de Natal. Foi a primeira vez que Adriano retornou à Vila após a ocupação policial e comentou que agora não haverá mais especulações sobre o seu envolvimento com tráfico cada vez que resolve visitar os amigos. (MENDES, 2010)

A mesma distribuição de cestas básicas, outrora indício das ‘amizades erradas’ do jogador, figuram como argumento discursivo de legitimidade de sua presença na localidade. A declaração final de Adriano - comemorando a possibilidade de continuar visitando seus amigos sem ser mal interpretado pela imprensa - nos faz perceber, com a mesma ironia do ex-ídolo do Flamengo, de que forma a emergência da pacificação inverteu, em apenas seis meses, os sentidos de uma mesma prática social.

6 A voz da Comunidade: entre o acatamento e a inscrição criativa

O episódio da “retomada” do Complexo do Alemão não apenas reabilitou, discursivamente, Adriano, mas também possibilitou a emergência discursiva de um personagem local em um percurso de sentido inverso ao do jogador: o jovem ‘jornalista’ Rene Silva, então com 17 anos que, durante a cobertura ao vivo da invasão do Complexo do Alemão, se tornou um sucesso de audiência na internet e no Twitter por filmar, de dentro da comunidade, o desenrolar das ações. A iniciativa foi comemorada, discursivamente, por todos os jornais e se tornou emblema, nas reportagens, das possibilidades de integração, pela internet, entre moradores do morro e do asfalto.

Durante sua transmissão, Rene recebeu recados inclusive do exterior. O número de seguidores do perfil no *twitter* do jornal produzido pelo jovem no Morro do Adeus – o *Voz da*

■
² Dados retirados da reportagem publicada em *O Globo* em 29 nov. 2010.

Comunidade – subiu, do sábado para o domingo da ocupação, de 180 para 20 mil pessoas². Com o aumento na visibilidade de suas ações, Rene Silva tornou-se, do dia para a noite, uma personalidade cotidiana nas reportagens que abordavam a ‘nova vida’ das comunidades (RENE..., 2010).

Em que pese o grau de ‘recursividade vazia’ no registro do acontecimento, na medida em que o ponto de vista ‘exclusivo’ da comunidade se revela apenas como mero contra-plano muito semelhante às imagens veiculadas pelas emissoras, interessa, aqui, perceber, na verdade, a possibilidade de emergência de “inscrições comportadas” dos moradores que forem capazes de atender às expectativas discursivas daqueles que realizam as coberturas jornalísticas das ações nas comunidades.

Táticas discursivas como a do jovem Rene Silva, equilibradas entre o acatamento discursivo bem-comportado e a tentativa de (re)construção de si pela inscrição criativa, apontam para uma transformação radical dos modos como, em apenas seis meses, determinados relatos (e sujeitos) terão suas trajetórias legitimadas (ou não) pela distância ou proximidade que estabelecerem entre seus deslocamentos e os ‘espaços pacificados’ da cidade.

7 Considerações finais

O percurso analítico aqui desenvolvido ilustra de que forma um aglomerado de exclusão, famoso por se configurar em um território quase à parte da cidade, vive um momento de transformação de sentidos. A tradicional figuração da favela, cuja (sub)urbanização anárquica permitia a “proliferação” das classes perigosas, convertendo-se em “espaço da violência”, não será mais a única maneira de representação discursiva de tais localidades pela imprensa.

Diante da proposta de (re)significação - instrumento discursivo para conferir legitimidade à intervenção promovida pelo Estado – os habitantes daquele lugar se deparam com duas propostas de “especialização” opostas: a violência ou a pacificação. Nesse sentido, o caso de Adriano é rico para percebermos como o jogador torna-se, num primeiro momento, ainda mais culpado por traçar, nas páginas dos jornais, um percurso distinto da proposta de ordem espacial sugerida, por oposição, na nomeação das favelas como **espaços violentos**. Uma afronta ao mapa simbólico da cidade pretendido, pela imprensa e pelo Estado, como única leitura possível do Rio de Janeiro.

Tais percursos permaneceriam proscritos por incluírem em seus trajetos as localidades que ainda não tinham sofrido a “bênção” da conversão discursiva materializada pela presença das UPPs. As intervenções dos governos Estadual e Federal nas comunidades do Rio têm recebido amplo apoio dos veículos de comunicação da cidade. Parceria fundamental para que as propostas de ação estatal adquiram, de fato, o status de uma releitura dos espaços de exclusão da cidade. Vimos, também, como será justamente a ação de Pacificação do Complexo do Alemão que converterá Adriano de réu (discursivamente “condenável”) em parceiro autorizado, ao lado do jovem Rene Silva e sua aparição ‘espontânea’ pela Internet, (nos gestos de reconstrução simbólica daquela região da cidade).

Cabe aqui, entretanto, retomar o alerta de Pêcheux (1997) acerca dos sentidos, que também se aplicaria a essas re-significações na espacialidade carioca: o sentido pode sempre ser outro, mas ele nunca é qualquer. Durante um ano, Adriano foi considerado discursivamente “culpado” por insistir em produzir seus trajetos afetivos por entre os “espaços de violência”. Enquanto sua comunidade não foi pacificada, o jogador permaneceu congelado como um ícone midiático do aspecto perverso que os habitantes do Rio de Janeiro teriam que deixar de lado se quisessem merecer os novos “espaços pacificados” como único modo de praticar, discursiva e geograficamente, sua cidade.

Talvez os exemplos aqui evidenciados apontem para antidótos ao consenso interpretativo que quer enxergar apenas boas (e pacificadas) notícias. Pensar criativamente a questão do espaço é aceitar, de modo radical, a proposta metodológica de Orlandi:

[...] fazer virem à tona esses processos silenciados, observando-se as falas desorganizadas como capazes de manifestar os traços desse movimento contido. Onde a cidade demanda sentido e onde os sujeitos da cidade - cidadãos - não estão sempre já significados mas eles também reclamam sentidos, novos sentidos, sentidos outros. (ORLANDI, 2004, p.70)

O drible do Imperador, desviando-se das interpretações moralizantes de algumas reportagens da imprensa esportiva, materializa a insistência de não abrir mão de seus trajetos, agora não mais “delinquentes”. Talvez a constatação deste deslocamento possa nos dar pistas de como os habitantes continuarão inventando suas práticas de cidades para além dos limites (discursivos e políticos) impostos pelos governantes e por parte da imprensa tradicional.

The Delinquencies of the Emperor: Adriano pathways at times of “pacification” of Rio de Janeiro

ABSTRACT

From articles published in the newspapers O Globo and Extra, which have as character the soccer player Adriano, this paper is dedicated to mapping the relationship between journalistic discourses about the city, the perception of violence in these spaces for their inhabitants and the possibilities of emergence of other- routes in this scenario. It is a proposal for thinking about the role of media discourses about the many ways in which individuals construct their symbolic concerns about the city. To this end, the work uses, among others, the theoretical perspectives proposed by Jeudy (2005), Sarlo (2009) and Certeau (1990) - about the relationship between speech and spatiality - and takes as its background the confusing and controversial career of soccer player Adriano by clusters of exclusion (Haesbaert, 2004) of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: City. Urban violence. Press journalism. Discourse and communication. Pacification.

La Delincuencia del emperador: los caminos urbanos del jugador Adriano en tiempos de “pacificación” del Rio de Janeiro

RESUMEN

Desde artículos publicados en los periodicos O Globo y Extra, que tienen como protagonista el futbolista Adriano, este trabajo está dedicado a la cartografía de la relación entre los discursos periodísticos sobre la ciudad, la percepción de la violencia en estos espacios para sus habitantes y y las posibilidades de aparición de ‘rutas-otras’ en este escenario. Se trata de una propuesta para reflexionar sobre el papel de los discursos de los medios de comunicación sobre las muchas maneras en que los individuos construyen sus preocupaciones simbólicas acerca la ciudad. Con este fin, la obra utiliza, entre otras, las perspectivas teóricas propuestas por Jeudy (2005), Sarlo (2009) y Certeau (1990) - acerca la relación entre el discurso y la espacialidad -, y tiene como telón de fondo la trayectoria incierto y polémico del futbolista Adriano por entre los grupos de exclusión (Haesbaert, 2004), de Río de Janeiro.

PALABRAS CLAVE: Ciudad. Violencia urbana. Análisis del discurs. Periodismo. Pacificación.

Referências

- BARBOSA, C. Adriano é afastado do Flamengo após briga em festa funk. **Extra**, Rio de Janeiro, 5 mar. 2010.
- CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1990.
- COSTA E SILVA, D. Adriano comemora hexa do Flamengo na favela. **Extra**, Rio de Janeiro, 8 dez. 2009.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. São Paulo: Forense Universitária, 2006. V.4
- GIL, José. **Portugal hoje**: o medo de existir. Lisboa: Relógio d'água, 2004.
- HAESBAERT, R. **O Mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- JEUDY, H.P. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MANSUR, C. Adriano falta novamente ao treino e já está fora do jogo contra o Caracas, pela Libertadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 mar. 2010.
- MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus. 1997.
- MENDES, T. Adriano, o Imperador, retorna à Vila Cruzeiro para lançar projeto social. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 dez. 2010.
- ORLANDI, E. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1997.
- POLÍCIA investiga compra de moto pelo jogador do Flamengo Adriano em nome da mãe de traficante. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 mar. 2010.
- RENE Silva, jovem do morador do Morro do Adeus, twittou em tempo real a invasão da polícia ao Complexo do Alemão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010.
- SARLO, B. **La Ciudad vista**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

Kleber Mendonça

*Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF).
E-mail: klebersm@hotmail.com*

Recebido em: 31/03/2012

Aceito em: 03/07/2012